

A análise da tradição cristã por Jean-Yves Leloup



O francês Jean-Yves Leloup escreveu, em meados dos anos 70, dois livros que se tornaram referência na análise de grandes pensadores do cristianismo: *João da Cruz ou A noite habitada* (64 pá-

ginas, R\$ 16) e *A vida em Jesus Cristo Segundo Nicolau Cabasilas e Santo Tomás de Aquino* (88 páginas, R\$ 18). São trabalhos dedicados a apresentar os ideais de três grandes responsáveis por influenciar conceitos cristãos atuais.

O primeiro livro expõe as idéias de um dos mais importantes místicos espirituais da modernidade, São João da Cruz, declarado Doutor da Igreja pelo Papa Pio XI. Comparando o homem contemporâneo – que nunca está satisfeito – e o homem dos sermões de João da Cruz – que sempre dizia não, Leloup foca em trechos que descrevem o que, para João, era o objetivo de vida dos seres humanos: amar a Deus.

A vida em Jesus Cristo reúne partes de diálogos que Leloup teve com o padre Alex Cestas Rzewski, no mosteiro de Notre Dame, comparando pensamentos do teólogo Nicolau Cabasilas e Santo Tomás de Aquino sobre o sentido da vida, a liberdade, o batismo e o sacramento.



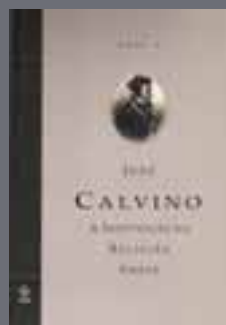
Sem se deter nas tradicionais leituras estética e teológica, Jean-Yves Leloup busca, em *O Ícone - Uma escola do olhar* (160 páginas, R\$ 94), o entendimento antropológico que desperte uma revelação ou um desvelar do homem em sua profundidade. Para isso, percorre ícones da tradição cristã russa, pintados entre os séculos XIV e XIX, com acréscimos de obras mais conhecidas e referências à arte ocidental. ◆



Jesus entre os doutores, Rússia, século XVI. Museu de Pskov.

A instituição da religião cristã

Em 1559, não concordando com os ideais católicos, João Calvino finalizou *A instituição da religião cristã* (508 páginas, R\$ 83 – o primeiro de dois tomos), livro que se tornou referência para as doutrinas das “igrejas reformadas”, entre elas, a que se convencionou denominar Calvinismo, assim como a Presbiteriana, a Anglicana e a Puritana. Logo no prefácio, é exposta a visão sobre o que precisava ser mudado no cristianismo, criticando-se veementemente a Igreja Católica por vender indulgências e manipular os fiéis.



Para Calvino, o ser humano já nasce pecador e só pode ser salvo por meio da fé que

manifesta por Deus, sendo que Ele é superior ao mundo real e suas revelações e vontades se apresentam através das escrituras sagradas. O franco-suíço também pregava a livre interpretação da Bíblia e criticava qualquer culto a deuses ou santos, senão Deus. A elevação de imagens, mesmo com o intuito de construir uma representação concreta de Deus, é condenada por Calvino, que utiliza a Bíblia para estruturar seus argumentos. ◆

O cristianismo em forma de arte

Em *Figuras de Deus – A Bíblia na Arte* (200 páginas, R\$ 60), o historiador de arte francês Dominique Ponnau apresenta algumas das mais significativas representações artísticas do cristianismo produzidas pela cultura ocidental. São vinte temas bíblicos ilustrados pelos grandes mestres da representação religiosa, dos iluministas medievais a Gauguin, Nolde e Chagall, passando por mestres como Caravaggio, Velásquez e Michelangelo. Sua proposta é a de compartilhar essa experiência com o leitor, caminhando por entre obras que fazem da representação do Eterno o espaço onde ocorre o “encontro fraterno do crente com o descrente, caso haja necessidade de definir um estado do fugaz e do incerto”. ◆



A reflexão crítica sobre o c no momento de uma de su

Modelo econômico hegemônico na sociedade globalizada dos anos 90, o neoliberalismo enfrenta hoje uma das maiores crises da história do capitalismo. Mas mesmo antes dos últimos eventos, já era possível observar algumas conseqüências nefastas desta visão ortodoxa que buscou modelar o mundo a partir de *mantras* como desregulamenta-

ção, superávit primário e total liberdade aos mercados financeiros. Da degradação ambiental à crise global do trabalho, vários pensadores – como economistas, mas também sociólogos e até mesmo críticos literários – apresentavam uma visão mais crítica, embasada em minuciosas pesquisas, tais como as que são apresentadas nestas páginas.



O horror econômico

Para Viviane Forrester, o quadro de crise global do trabalho demonstra uma das verdades maiores do capitalismo pós-industrial: a nova estrutura de produção, presente tanto nos países centrais quanto nos periféricos, não proverá

emprego para a população ativa. Isso nos coloca diante de um impasse. Os problemas implicados por essa realidade econômica aparecem como um drama moral que questiona o próprio projeto civilizatório da modernidade.

154 páginas, R\$ 28



Ordem, poder e conflito no século XXI

Luis Fernando Ayerbe analisa as concepções teóricas e avaliações políticas que predominam no âmbito da política externa dos Estados

Unidos, em que a derrota do chamado socialismo é associada à vitória definitiva de um modelo de desenvolvimento considerado universal, o capitalismo liberal.

312 páginas, R\$ 36



A nova des-ordem mundial

Rogério Haesbaert e Carlos Walter Porto-Gonçalves analisam os efeitos do chamado capitalismo globalmente integrado e de que forma se estabeleceram as redes comuns de

valores individualistas e consumistas em que as desigualdades e a exclusão social são acentuadas. Empreendem seu estudo baseados nas múltiplas dimensões da des-ordem mundial – econômica, política, cultural e ambiental – que são tema de cada um dos capítulos.

160 páginas, R\$ 15

Os efeitos do capitalismo global

Gilberto Dupas, coordenador-geral do grupo de Conjuntura Internacional da USP e presidente do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais – IEEL, é um dos nomes de referência no Brasil para os estudos sobre a globalização e os efeitos do capitalismo em diversas esferas humanas. Ele aborda desde o efeito do crescimento econômico para o meio ambiente até a assimetria dos poderes entre as nações contemporâneas.

O mito do progresso (312 páginas, R\$ 37), por exemplo, é um livro sobre os dilemas éticos e a prudência necessária para pensarmos o mundo contemporâneo utilizando discursos construídos, mas contém também reflexões sobre como a lógica de produção do conhecimento científico afeta várias áreas da sociedade e interfere nas nossas concepções (como a idéia de progresso),

sobre o significado das inovações tecnológicas para nossa vivência espiritual, sobre a necessidade de uma visão crítica em relação ao pensamento hegemônico. Um debate vital para que o encantamento com o conforto proporcionado pelas mercadorias globalizadas não afetem demasiadamente nossa percepção das conseqüências possíveis de um mundo em gestação dialética nas esferas econômica, científica, médica e ambiental.


Em *Meio ambiente e crescimento econômico* (304 páginas, R\$ 36), Dupas leva adiante a investigação sobre as tensões estruturais entre o sistema capitalista e a degradação ambiental. Um dos grandes méritos da obra reside nas escolhas dos artigos que a

compõem, de autoria de especialistas de vários países e diversas áreas do conhecimento (economia, sociologia, filosofia, antropologia, física e ciência ambiental) que abordam o tema sob diferentes ângulos.

Já as pesquisas reunidas em *Espaços para o crescimento sustentado da economia brasileira* (224 páginas, R\$ 35) identificam os espaços para o crescimento sustentado e analisam a sustentabilidade do dinamismo do setor externo brasileiro. São

também estudadas a evolução da carga tributária, a questão da dívida interna, a perspectiva de consumo, a dinâmica da classe média e as políticas de desenvolvimento industrial.

Em *Atores e poderes na nova ordem global – Assimetria, instabilidades e imperativos de legitimação* (319 páginas, R\$ 40), Dupas volta sua atenção para o problema da assimetria dos

poderes entre os principais atores da geopolítica mundial e da busca de legitimidade por parte do capital. Parte de um resgate histórico para definir quem são os principais atores do metajogo global, com suas contradições e conflitos de interesses e com especial atenção para a realidade da América Latina, que não aparece quando nos limitamos às informações veiculadas pelo discurso hegemônico. 



Capitalismo as maiores crises



Chutando a Escada

Chutando a Escada – a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica (266 páginas, R\$ 40) reúne elementos de informação histórica que contradizem a visão ortodoxa da história do capitalismo e oferecem um quadro abrangente das políticas e instituições de que os países ricos se serviram quando estavam em processo de desenvolvimento. Observa que não faltam indícios e evidências sugerindo o contrário.

Para Ha-Joon Chang, os países desenvolvidos estão tentando “chutar a escada” pela qual subiram ao topo, ao impedir que os países em desenvolvimento adotem as políticas e as instituições que eles próprios usaram e indicando uma série de “boas políticas” e “boas instituições” destinadas a promover o desenvolvimento econômico. Ele questiona, com o auxílio da história, se os procedimentos tão aconselhados foram realmente aplicados pelas nações desenvolvidas.

Não faltam indícios e evidências sugerindo o contrário. No século XIX, a Suíça, por exemplo, chegou à categoria de líder mundial em tecnologia sem contar com uma só Lei de Patentes. O estudo constata que esses países não seriam o que são hoje se tivessem adotado os procedimentos que agora recomendam às nações mais pobres. Muitos recorreram ativamente a políticas comerciais e industriais “ruins”, como a de proteção

à indústria nascente e a de subsídios à exportação. Observa também que antes de se tornarem desenvolvidos, possuíam poucas dessas organizações agora consideradas tão essenciais.

Ensaio sobre o capitalismo no século XX

A coletânea *Ensaio sobre o capitalismo no século XX* (239 páginas, R\$ 27) reúne alguns trabalhos escritos por Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo entre 1996 e 2003, em que fica evidente a convergência de um estilo leve e claro, próprio da prosa jornalística, com o rigor e a densidade



típicos dos grandes intelectuais. Esta transparência do tratamento dado a questões complexas revela-se tanto mais relevante quando observamos quais são os itens abordados por Belluzzo.

Ao destrinchar a história do capitalismo e ao pensar criticamente seu atual momento, Belluzzo destoa do chamado pensamento econômico dominante que não vê alternativas ao modelo financeiro estabelecido globalmente nos anos 90. O livro (Prêmio Juca Pato 2004) constitui uma rica fonte de reflexões para todos que procuram compreender a dinâmica capitalista atual e as possibilidades de se reinventar uma “ordem econômica que combina liberdade, igualdade, fraternidade e eficiência”.



Trajetórias: capitalismo neoliberal e reformas econômicas nos países da periferia

Sebastião Carlos Velasco e Cruz examina as experiências de reforma econômica nos

países periféricos como parte do processo de reestruturação da economia mundial. Atento às semelhanças e diferenças da aplicação do chamado projeto neoliberal na Índia, na Coreia e na Argentina, o autor explica como as mudanças se relacionam com as transformações políticas em cada país, identificando os principais pontos de tensão, as tendências dominantes e os cenários mais prováveis.

456 páginas, R\$ 65



Estado, política e classes sociais

Armando Boito Jr. analisa a natureza do poder político, o papel da política na mudança histórica, a estrutura e a função do Estado, as crises políticas e a cena político-

partidária nas sociedades capitalistas. O autor elucida também o processo de conversão das classes em forças sociais atuantes no processo político, as distinções políticas e ideológicas no interior das classes trabalhadoras e a regressão da cidadania.

280 páginas, R\$ 55



Processo de industrialização - do capitalismo originário ao atrasado

Carlos Alonso Barbosa de Oliveira parte da contribuição de *O Capital*, de Karl

Marx, sobre a gênese do capitalismo e sobre o processo de acumulação capitalista para demonstrar a problemática das especificidades dos processos de constituição e desenvolvimento do capitalismo em diferentes países e em diversas circunstâncias históricas.

270 páginas, R\$ 32

Este boletim é uma publicação da Fundação Editora Unesp - Praça da Sé, 108 01001-900 - São Paulo (SP) Fone (11) 3242-7171 feu@editora.unesp.br www.editoraunesp.com.br

Presidente do Conselho Curador: Marcos Macari
Diretor-Presidente: José Castilho Marques Neto

Editor-Executivo: Jézio Hernani Bomfim Gutierrez
Conselho Editorial Acadêmico: Antonio Celso Ferreira, Cláudio Antonio Rabello Coelho, José Roberto Ernandes, Luiz Gonzaga Marchezan, Maria do Rosário Longo Mortatti, Maria Encarnação Beltrão Sposito, Mario Fernando Bolognesi, Paulo César Corrêa Borges, Roberto André Kraenkel, Sérgio Vicente Motta

Produção editorial e gráfica: Pluricom Comunicação Integrada www.pluricom.com.br | 11 3774-6463
Jornalista responsável: Katia Saisi (MTb 15.918)
Editor: Carlos Sandano
Redação: João Pontes, Pedro Rizzo e Sarah Moraes
Edição de arte: Antonio Carlos de L. C. Prado
Permitida a reprodução desde que citada a fonte.

Coleção Maurício Tragtenberg

A atualidade e relevância da obra de Maurício Tragtenberg - cujos 10 anos de morte se completam no mês de novembro -, em que a erudição acadêmica é temperada pela autonomia intelectual e opções doutrinárias heterodoxas, evidenciam a importância de se reu-

nir seus trabalhos dispersos e variados.

A Coleção Maurício Tragtenberg, coordenada por Evaldo A. Vieira, resgatou estes textos por meio de comparação com originais e outros cuidados formais que incluem eventuais notas, compilação de artigos e revisão. Foi in-

cluída a parcela mais representativa do que foi produzido por este intelectual em seus livros, ensaios, prefácios e introduções, que dão testemunho da sua capacidade de pensar o mundo contemporâneo de forma lúcida e clara.

Confira os títulos já lançados.

Tragtenberg e a visão crítica da Universidade

Sobre educação, política e sindicalismo (216 páginas, R\$ 32) reúne 14 artigos e debate os métodos de acesso ao ensino superior e duas entrevistas. Aqui, Tragtenberg discute, entre outros temas, a relação entre a dominação e o saber, a estrutura burocrática da educação, a democratização da Universidade e os seus caminhos, o movimento estudantil e a demolição da sede da UNE, Mobral e CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), pós-graduação e consciência social e pedagogia libertária.

Mais do que corajosamente abordar questões polêmicas, os artigos e trabalhos de Tragtenberg refletem sobre a relação entre o saber e o poder e constituem uma poderosa crítica da burocratização da transmissão de conhecimentos. O resultado é uma análise profunda e ainda original da Universidade (e da escola de maneira geral) não como um fim em si mesma, mas a partir de sua relevância e importância para a sociedade como um todo.

A ideologia das grandes corporações e a exploração do trabalho no "novo capitalismo"

Antecipar-se às discussões sobre a realidade social é algo que só pode ser feito a partir de uma grande diversidade de fontes e capacidade de análise crítica. Ao perceber o rumo que tomava as relações de trabalho no mundo capitalista, Maurício Tragtenberg oferecia, já em 1980, uma visão abrangente do dinâmico processo que resultou na globalização das trocas comerciais, na dependência econômica do fluxo financeiro internacional e no desmonte das garantias institucionais ao trabalho tem hoje contornos nítidos.

Administração, poder e ideologia (240 páginas, R\$ 32) nos oferece uma base sólida a partir da qual podemos apreender o sentido das relações trabalhista na constituição do mundo contemporâneo. Reflete sobre a degradação do trabalho que hoje se verifica em escala global e o faz com estudos empíricos que abarcam a Europa, o Brasil, a Argentina e a Bolívia.

O universo burocrático das empresas e a administração como forma de poder

Em seu clássico *Burocracia e Ideologia* (288 páginas, R\$ 35), Maurício Tragtenberg promove uma crítica sobre a Teoria Geral da Administração em seu processo de constituição histórica, neste que é um de seus trabalhos mais discutidos. Ele esmiúça a burocracia no universo corporativo contemporâneo dominado pela racionalização do trabalho, o messianismo administrativo, a educação permanente e a tecnoburocracia. Chega, assim, à formulação da administração de empresas como uma expressão do poder.

O taylorismo é visto como uma transposição para o campo da administração de uma ética da obediência, que corresponde às primeiras etapas do desenvolvimento do capitalismo. Fayol surge para dar prosseguimento aos princípios de Taylor e fundamentar uma concepção de unidade de comando administrativa. Já o pensamento de Mayo funciona como resposta intelectual à concentração de capital. Porém, uma das grandes contribuições da obra está na apresentação meticulosa das idéias de Max Weber.

Tragtenberg e os erros da experiência soviética

Em *A Revolução Russa* (152 páginas, R\$ 25), Tragtenberg percorre com maestria os caminhos que culminaram com o fim da URSS, mas o faz de modo que possamos refletir com profundidade sobre o fracasso de uma das experiências políticas mais importantes do Ocidente. Sua visão crítica mapeia os caminhos não lineares percorridos pela Revolução Russa na configuração de poder em que prevalece uma "burguesia de Estado".

E demonstra que, para se debater de modo consistente o socialismo, é preciso ter em mente que "as relações sociais a serem suprimidas não se restringem à propriedade privada dos meios de produção, como fizeram os

bolcheviques". Tragtenberg foi ao âmago do fracasso revolucionário, apontando-lhe as causas: a desconfiança na capacidade da classe trabalhadora e a ação não democrática que resulta no monopólio político e no controle do Estado.

O marxismo libertário de Maurício Tragtenberg

A crítica de Maurício Tragtenberg ao sindicalismo burocrático, às doutrinas vanguardistas e às relações de trabalho no sistema capitalista leva, em *Reflexões sobre o socialismo* (134 páginas, R\$ 25), a uma visão original sobre as lutas operárias que permanece estimulante e desafiadora após as muitas transformações e debates sobre o tema nas últimas décadas.

O ponto central é a possibilidade de os trabalhadores tecerem, a partir de mobilizações auto-organizadas, novas relações sociais igualitárias.

Relações que são contrapostas às deformações hierárquicas criadas quando partidos ou aparelhos políticos substituem os trabalhadores na direção de suas lutas. Ao entender a democracia direta dos soviets como a matriz de novas relações sociais, Tragtenberg não fala de momentos históricos definidos, mas nos ajuda a entender a realidade contemporânea, onde a questão da eliminação de intermediários se destaca por sua atualidade.

